A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 76 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES.

O salvamento do filho do Sr. Conde da Torre

Durante a "verbena" realisada no Palacio Fronteira, o filho do Sr. Conde da Torre, que na arena esperava um garraio para lidar, é atacado por um touro corpolentissimo que saiu do touril. A creança, no meio da aflição geral, vai ter uma morte certa, quando é salva corajosamente pelos forcados Srs. Humberto de Castro e Antonio Aguiar.

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 76
LISBOA 27 DE JUNHO DE 1926
PROPRIEDADE DA EMPRESA O DOMINGO ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Censurados

Está estabelecida, como se sabe, a censura á Imprensa. Ha dias, numa sala do quartel do Carmo, toda em estilo Guarda Republicana, entre fotos da guerra e retratos de velhos comandantes, fomos amavelmente avisados da maneira por que deveriamos escrever.

Antigamente a censura limitava-se a cortar o que não queria. Mais tarde, aperfeiçoada por Primo de Rivera, acabou com os inestéticos «claros» dos jornais, obrigando as empresas a preenche-los com qualquer coisa. Chegará um dia em que, mais aperfeiçoada ainda, tenhamos não só de não escrever o que pensamos—mas precisamente de escrever o que os outros querem. E' uma questão de tempo e de paciencia!

Publicidade ultra-gramatical

Um dos mais pitorescos e piramidais anunciantes de Lisboa é aquele comerciante da Rua do Ouro, que decerto todo o paiz conhece, o sr. Freire Gravador.

Houve sempre no comercio, em todos os tempos, como o regista o ultimo livro de Matos Sequeira, ratões de alto quilate, verdadeiros antepassados do cauteleiro fardado e deste inimitavel fabricante de carimbos, que *dá a sua palavra de honra de que uma lamina faz mil barbas!* e tem assim verdadeiros pedacinhos de oiro, na sua prosa estranha:

«Numeradores que quadruplicam, etc., ditos para Bancos que furam cheques; em carimbos de metal e borracha, e com assinatura e datadores e, esta coisa suberanamente culinaria: etiquetas de metal para sardinhas!! e tudo isto «aos montes», de forma que apenas, serenamente, a sua face se eleva, de monoculo, glabra e perfeita, tendo cabado de fazer a barba, pela 250.ª vez, com uma lamina sem ser afiada.

* * *

Alguem daqui ao pé nos informa de que outro logista, não menos original que o sr. Freire, tem numa vitrine da Rua Augusta certas pedras de fantasia para espetar nos pregos de chapeus de mulher, com esta substanciosa legenda:

Embulações para senhoras ha para todos os tamanhos.

Dr. Ricardo Jorge

O sr. dr. Ricardo Jorge, nomeado ministro da Instrução, apesar da sua pouca edade, é uma figura de alto prestigio nos meios universitarios.

Professor e analista distintissimo, está bem naquele logar, onde a politica devia ser sempre posta em segundo plano. Esperamos de S. Ex.ª, que aliás se rodeou já de seu irmão, dr. Ricardo Jorge (filho) um dos mais finos espiritos que conhecemos—uma obra digna do nome glorioso de seu pae.

UM GOURMET

—O que é que você tem de bom?
—O caracter... Eu cá nunca me zango...

POESIA

Este jornal foi á censura. Como o nosso querido Taço é muito politico, e como tem *má lingua* todas as semanas, descançou esta, afim de não nos obrigar a improvisar por ele uma melopêa, que saisse insonsa. Assim tem a palavra um nosso correspondente, poeta desconhecido, cujo original estava na nossa pasta ha semanas, e cuja ingenuidade sentimental tem beleza e ritmo:

Margarida

Tinha nos meigos olhos a tristeza
dos lagos orientais,
e aquela melancólica beleza
das tardes outonais...

Não sei que funda mágua a consumia,
que secreto pezar, que imensa dôr
o coração de luto lhe trazia,
e lhe roubava a côr...

Na praia, olhando as ondas que, uma a uma,
vinham depôr n'areia a nivea espuma,
o seu vulto ondulante... quasi ethéreo
envolto n'uma auréola de misterio,
fazia-me scismar...
Quem sabe lá se o mar

lhe segredava, a murmurar baixinho,
palavras de conforto, de carinho?
Quem sabe se a chamava?...

Quando Ela me fitava,
distraída, talvez sem reparar
que a fitava tambem o meu olhar,
nem sei o que sentia!...

Chegou, porêm, um dia
em que um barco de pesca, regressando,
encontrou junto á costa, flutuando,
um côrpo já sem vida...

Fui vêr... E conheci, cheio de mágoa,
no cadaver achado á tona d'agua,
a pobre Margarida!

17-5-926 FRANCISCO BRETTZ

O amúo português

QUEM foi, como nós, sorridente e tranquilo espectador da vida portuguêsa, espectador pimpão, embora, da contrabarreira desse redondel de ridiculas cambalhotas e de salsifré de «Pateo das Osgas», que é a nossa vida social, concluirá que, afinal, a nossa peor doença politica é o amúo.

Na vida publica, mais que no amôr em casa, o amúo é caracteristicamente português. E se não, vejamos. Sabe-se que ha dezasseis anos existe, na sociedade portuguêsa, um divorcio grande, segundo o lugar comum das gazetas serias.

Esse divorcio é entre os monarquicos, ou melhor, entre a gente «chic» da côrte monarquica dos Braganças e a sociedade nova creada pela Republica. São insoluveis uns nos outros. Repelem-se como polos electricos do mesmo nome—e tem-n'o porque são igualmente patetas.

Qualquer dessas correntes ainda não soube pôr, acima do interesse meramente decorativo, dum chefe de Estado bonito e novo, ou velho e trôpego—uma cartola sediça ou um kepi elegante—outro interesse superior—o de fazer desta terra, pobre, miseravel, piolhenta, ignorante e suja—uma Terra de Gente.

No entanto essas puras donas Alziras da Republica, e essas condessas «chics» da Monarquia, são da mesma massa. Da mesma massa Silva é o senhor Carvalho da dita e o senhor Antonio Maria Idem.

O senhor Ayres de Ornelas, dos pesados, e o senhor Ginestal Machado dos mesmos—os pés-frescos dos esquerdistas, como os pés-porcos dos integralistas, são todos, á uma irmãos gemeos, chucharam, ou chucham ainda, a mesma têta.

De vez em quando, os amuados sorriem-se. Sidonio Pais foi querido e acarinhado como nenhum rei. Teve duques e marqueses ás suas ordens. Serviram-no os filhos do duque de Palmela, como simples alferes. A Sr.ª Condessa de Ficalho, figura da melhor nobreza, teve por ele uma dedicação de mãe adoptiva.

Agora o Senhor Gomes da Costa é recebido—como aconteceu na «verbena» do Palacio Fronteira—como um imperador.

Não ha portanto um odio de côrtes, de raças, de sangue—como nos romances antigos. Ha um amúo, antipatico, rabugento, piegas, sentimental,—amúo que ás vezes desfaz um casamento, que já mesmo tem dado algumas «scenas de ciume» e até crimes passionais»—mas, de facto, um amúo.

Diz-se republicano—e não mente—o senhor Gomes da Costa, e, afinal, quem lhe exteriorisa admiração são os monarquicos. Porque o não aplaudem os republicanos que deviam desejar e aproveitar o ensejo magnifico de trazer á Republica os verdadeiros valores que se não queimaram ainda?

Porque tem ciumes.

Ora as scenas de ciumes ou dão pancada—ou dão um filho.

Esse filho podia ser um Portugal novo.

ECOS

A Carris e a população de Lisboa

Aplaudindo o eco que aqui fizemos sair acerca dos abusos da Carris de Ferro e de que é vitima constantemente a população citadina, recebemos alem de varias cartas, uma nota riosa acerca das receitas brutais que com os preços exagerados dos carros essa companhia aufere. Sobe a muitos milhares de escudos diarios o dinheiro que entra nos cofres de de Santo Amaro, ao abrigo das auctorisações imorais que a Camara fez á companhia e que ainda não retirou.

Havemos de chamar para o caso a atenção do governo e da Camara.

A corrida da vassoura

A Camara, procurando fornecer aos seus municipes, a par do maximo conforto, alguns atrativos que lhe deem um pouco da bôa disposição que cada vez mais lhes falta, pôz em scena ultimamente uma diversão matinal excelente, para entreter quem por volta das 10 horas da manhã tem de esperar o electrico que o leve ás suas ocupações.

Referimo-nos á interessante corrida da vassoura, em que por essa hora tomam parte varios Almeidas, açodados na vassourada pelas valetas, a ver qual deles é capaz de levantar maiores nuvens de poeira.

E' um excelente entretenimento para quem assiste, e pela porção de lixo que os espectadores podem ingerir, constitue uma especie de pequeno almoço, modico e reconfortante.

Se a par desta refeição matutina nos lembrarmos das emanações dos caixotes de lixo que á hora de recolhermos para jantar nos fornecem um aperitivo, teremos de concordar que a vereação desta séde de districto onde vivemos se não poupa a sacrificios, procurando beneficiar-nos por todas as formas.

Feliciano Santos

Acaba de regresar de Paris o nosso querido colaborador Feliciano Santos, que no proximo numero retoma a sua secção «Questão Previa».

Os exitos de «O Domingo»

Os ultimos numeros de «O Domingo», apesar das suas tiragens reforçadas, tem tido uma tão grande procura que pedimos aos nossos agentes que nos desculpem qualquer demora havida nas remessas extraordinarias pedidas.

DESCENDENCIA

—Para que guardas isso?
—Para os meus filhos!
—E se não tiveres filhos?
—Então fica para os netos.

HUMORISMO

crónica alegre

A MODA, MINHAS SENHORAS...

CONTA a Biblia que, ao expulsar Adão do Paraiso, Jehovah lhe disse:

—Ganharás dóravante o pão com o suór do teu rosto.

Pessoa de toda a confiança me afirma que o velho Creador, na sua omnisciencia bem conhecida e conceituada, se sorriu por entre barbas ao pensar que alguns mil anos mais tarde os evangelistas russos, que a Trotsky e a galopsky tem querido endireitar o mundo, haviam de fazer das suas palavras o artigo primeiro da constituição bolchevique:

—Quem, para trabalhar, não suar como um galêgo não tem direito a comer côdea...

Mas a praga rogada a Adão não era nada comparada com a que recaíu sobre a nossa mãe Eva. A mesma pessoa de toda a confiança me garantiu que, emquanto a costéla do primeiro homem compunha no espêlho dum regato as abas do seu *tailleur* folha de parra, o Supremo Ironista lhe disse com um sorriso:

—E tu ficarás tonta ou virás a morrer doida se quizeres entender a lingua que as modistas hão de falar.

E assim é.

Vi ha dias uma pobre senhora num carro electrico cair para o lado, entornar-se toda. Ao passo que a levaram em charóla para uma farmácia, eu levantei do chão uma revista francêsa de modas que a desventurada tinha entre mãos quando fôra acolhida por tão inesperado ataque. Os meus olhos caíram sobre o «Correio da Semana» assinado por «Antinéa» e li o seguinte que traduzi aproximadamente: «Para sair de manhã, um vestido alfaiate e folgado de duvapeline, de cascavéla ou de popelabure, a não ser que prefira a drapéla, a dialã, a velina, a rubana ou

a buracóta. Para a tarde o vestido inteiro, de cintura sempre baixa, em tres sadôr ou passêda. A' noite, um quasi nada de percalina estampada, de oréla argentina ou de crepéla. Para as capas de verão, a aguéla verde-pardo é a ultima palavra como enfeite. Quanto ao chapeu, aconse-lho-lhes uma capelina de palha-pelissa enfeitada a motivos de lã budha».

Compreendem que, depois de ter lido esta prosa, nada mais natural do que uma senhora caír do banco abaixo. A maior parte das mulheres de quem o vulgo diz:—«E' uma doida!» devem ter ficado assim depois de terem querido decifrar um arrasoado daquêles. Apoz largas indagações, vim a saber que a rubana é um tecido de fitas *(rubans)*, que a oréla-argentina é uma trama de fios dourados e prateados, que a aguéla verde-pardo é pêle de rato como qualquer de nós e a buracóta não passa de ser o que nos tempos de Pedro-o-Crú se chamava burel.

Afinal tudo se descobre. O que demanda é, ás vezes, muito estudo. Por mim, estou como o outro, aquêle outro que tem dito cousas tão engraçadas. Vestidas de percalina ou de crepéla devemos sempre agradecer ás mulheres o trabalho que têm em se vestir para que nós, os homens, os dispamos ou com as mãos, o que é serio, ou com os olhos, o que é muito mais grave, porque a essa violencia nenhuma délas pode resistir.

NO BARBEIRO

Fui ontem cortar o cabêlo. Houve tempo em que VV. Ex.as, minhas senhoras ignoravam esse suplicio. Hoje tambem sabeis o que é e não me alongarei sobre a matéria. Ha um momento sobretudo angustioso: é o da fricção, quando o barbeiro, inundando-nos, com a mão direita, dum liquido que diz ser excelente para a caspa, a falta de cabêlo e outras doenças do couro cabeludo—não desfazendo no nosso caro S. Boaventura—com a mão esquerda nos arranca os pêlos que nos restam na cabeça, emquanto murmura lá para consigo:

—Anda, malandro, que é para não voltares cá outra vez.

Ontem, emquanto padecia todos esses tormentos, primos da cruz transversa em que foi pregado S. André, meu patrôno, lembrei me dum caso que me sucedeu em Paris, com um senhor *coiffeur:* Esse, chegada a altura da fricção, deu-me a escolher entre vários frascos:

—*Violette? Aiga? Rose Blanche? Mille fleurs? Portugal?*...

Toda a gente sabe que «*Portugal*» é a loção mais corriqueira dos cabeleireiros gaulêses. Não o repetirei, portanto.

Justamente nesse dia os jornaes relatavam uma das setecentas e trinta e quatro revoluções que temos gosado nos ultimos quinze anos e o barbeiro, sempre bem informado e ignorando aliás que eu fosse um luzitano audaz, accrescentou:

—«E' verdade! A respeito de Portugal, parece qne se estão mexendo

por lá outra vez. Talvez fizessem melhor em se deixarem estar quiêtos...

E como, sem lhe responder, eu lhe indicasse o frasco das violêtas, êle concluiu:

—«Tem rasão. O *Portugal* havia de lhe dar desgostos... Era muito capaz de lhe faser cabêlos brancos.

A Eterna Sabedoría fala ás vêses pela bôca dos barbeiros.

POLICIA A CAVÁLO

Segundo dizem as gasêtas, vamos ter policia a cavalo e isto—não sei porquê—sugére-me uma triste recordação. Quando ha anos ganhei muito dinheiro com os direitos de autôr de *Fado e Maxixe*, comprei por quatrocentos e cincoenta mil reis—uma sôma nessas éras—um cavalo que pertencêra ao Morgado de Covas. Consegui pô-lo a pastar nas mangedouras do Cabeço de Bola, pagando ao Estado—é claro—a ração do bicharôco. Sobreveiu o 5 de Outubro. Numerosos patriotas prefe-

riram implantar a Republica a cavalo e, quando fui ao quartel da Guarda ex-Municipal e frescamente Republicana ver o meu solipede, encontrei-lhe o sítio. Como era montada dum poeta, sem duvida lhe tinham crescido asas como a Pegaso. O caso foi que voou e nunca mais o vi.

Por isso eu recomendo aos policias que vão ser montados—isto é: que vão ter montada—muita cautéla com as revoluções. Assim que os patriotas saírem á rua para indireitar o paiz, os agentes deverão pegar nos cavalinhos e levá-los para casa. Quando não sucede-lhes o mesmo que me sucedeu a mim: serem muito espertos e andarem a pé.

ANDRÉ BRUN

NO PROXIMO NUMERO

A minha travessia do Atlantico

CRONICA ALEGRE DE

DOENÇA GRAVE

O vinho só pode ser vendido por receita medica—(Lei seca americana).

—Sr. dr., preciso de vinho para me animar... venho pela receita... Tenho passado tão mal...
—O que tem?
—Sou alcoolico...

GARANTIA

—Mas que garantias me dá o senhor do emprestimo que me pede?
—A palavra dum homem honrado!...
—Bem. Então traga o homem honrado e leva o dinheiro...

O DOMINGO Ilustrado

Curiosidades

UMA ESTATISTICA CURIOSA

Os empregados da estação do metropolitano «Vincennes», em Paris, venderam, durante os meses de janeiro a março, 3.658.416 bilhetes. Nas estações do Norte, Este e Bastilha, venderam-se, em cada uma, mais de 3 milhões de bilhetes. Se nos lembrarmos que, em Paris, há milhares de «autobus», carros electricos e «taxis», poderemos, em presença desta estatistica, fazer uma ideia do movimento que anima, agora como semore, a populosa capital francesa.

AMOR DO PROXIMO

A pele humana está a perder muito do seu antigo valor. O seguinte caso, que se passou recentemente em Inglaterra, indica-nos que essa desvalorisação toma proporções assustadoras. Em Bristol, um cirurgião pediu um bocado de pele humana, tirada a uma pessoa viva, para aplicar sôbre as queimaduras dum ferido grave. A este pedido assaz ousado correspondeu o oferecimento de mais de cento e vinte pessoas, indiscutivelmente altruistas. O jornal «Paris-Midi», confirmando esta noticia, acrescenta que a mulher e o irmão do ferido foram os primeiros a oferecer-se, mas que se receberam generosas ofertas, vindas de individuos de todas as classes sociais, chegando um italiano a oferecer a sua pele, por telegrama. Agora já não se «vende caro a nossa pele»; agora, dá-se de graça...

O PANCRÉAS NIQUELADO

Uma comunicação da douta Academia de Sciências de Paris, assinada pelos doutores Gabriel Bertrand e Machebeuf, declara que o pancréas encerra niquel e cobalto, em percentagem bastante considerável. A «insulina», que se extrai do pancréas, é ainda mais rica nêsses metais. O irónico cronista dum diário parisiense diz que, depois de tal afirmação, resta apenas montar uma sociedade por acções para a exploração do minério humano. O mesmo comentador acrescenta que está explicada a razão por que tanto faz dizer que um homem tem o seu pancréas em bom estado como dizer que tem «bonne mine»...

O CALENDÁRIO TURCO

Na Turquia o calendário acaba de dar um salto de 585 anos. A Assembleia Nacional de Angora adoptou o calendário ocidental, isto é, o cristão. Daí resulta que no calendário da republica turca o primeiro dia do ano coincidirá com o calendário das outras nações. Mas, assim, o dia que se seguir ao 31 de Dezembro de 1342 será o 1.º de Janeiro de 1927. O calendário da hegira poderá, contudo, ser aplicado nos negócios particulares. O primeiro dia da hegira lunar é oficialmente fixado pelo observatorio. O dia começará, agora, á meia-noite, e as horas contar-se-hão de 0 a 24.

"A historia do Jazz-Band"

O «jazz band», a palavra antónima de melodia, o simbolo da época—como afirmou um escritor moderno,—tem a sua história. O «jazz-band», que parece um grito contra a tradição, tem já a sua, tambem. E' originário de algumas tribus negras da América. Nessas tribus, a musica está representada por duas variedades: Os cantos religiosos ou «spirituals» (como dizem os americanos)—que são a base do «folklore» negro—e os «rag-times», que são, principalmente, especies de ritmos que deram origem a diversas formas de danças, das quais a mais conhecida é o «cake-walk». Os americanos, ardentemente desejosos de possuir uma arte musical nova e filha do seu próprio solo, apoderaram-se do «rag-time» e transformaram-no no «jazz» actual. A palavra «jazz» é de uso recente, ao passo que a palavra composta «rag-time» se emprega há mais de vinte anos. Hoje, as duas palavras são sinónimas, ainda que «jazz» designe principalmente um método de orquestração, ao passo que «rag-time» designa apenas uma variedade de ritmo.

O «jazz-band» nasceu por volta do ano de 1914, entre as menos escolhidas camadas sociais da América, no Barbany Coast, êsse baixo de São Francisco da Califórnia onde se encontra a escória de todos os postos e de todas as raças. O seu nome é composto por duas palavras, uma das quais—*band*—é inglesa e significa «orquestra, banda», e a outra—*jazz*—é de origem pouco definida. Alguns dizem que «jazz» provem da seguinte expressão, corrente entre a gente mais inculta de Nova-Orleans: «Jazz-them, boys!», que significa, pouco mais ou menos: «Animo, rapazes!» Segundo outros, a origem da palavra é diversa: o dono dum *cabaret* negro, Jasbo Brown, tinha por costume disfarçar as frases demasido cruas das suas cançonetas, raspando num tambor ou soprando num tubo de folha. O auditório, a quem muito divertiam êstes ruidos imprevistos, manifestava a sua alegria gritanto para o folgasão cançonetista: «Outra vez, Jasbo! Jas, repete! Jas repete!» E, assim, da abreviatura de Jasbo se formou metade da palavra «jazz-band». Mas, seja qual for a verdade que haja nesta etimologia anedótica, o que é inegavel é estar a origem do «jazz» prêsa á evocação dum ruido cómico e brutal.

Os primeiros «jazz» negros de Nova-York, aparecidos entre 1914 e 1915, eram principalmente constituidos pelos seguintes instrumentos:—piano, violino, cornetim, clarinete, trombone, banjo (espécie de guitarra com cinco cordas e redonda, em forma de pandeiro), bombo, tambor, triangulo, etc. A sua característica era o improviso; o cornetim ou o clarinete paravam de repente as suas melódias para começar a fazer floreados de vária espécie, porêm respeitando sempre o ritmo. O saxofóne, que é hoje o rei do «jazz», não figurava, como se vê, nos primeiros «jazz-bands». Foi só mais tarde que nêles foi introduzido, mercê do seu timbre suave e das acrobacias harmónicas que permite fazer.

Até agora, o «jazz» mais completo e típico é o de Paul Whiteman, constituido por vinte e três executantes, que tocam trinta e seis intrumentos. O primeiro saxofone do «jazz» Whiteman toca onze instrumentos. Em Londres, o director dêste «jazz» é adorado e um concerto seu é sempre um grande negocio para o empresário que o contracta.

Na América, a expansão dos «jazz-bands» tem sido imensa e há inúmeras obras pedagógicas e estudos sérios sôbre êsse original género de orquestra que, á primeira vista (ao primeiro ouvido...), parecerá uma cousa tão pouco séria. O valor orquestral do «jazz-band» já nem sequer é contestado, hoje. O grande critico francês Emile Vuillermoz escreveu mesmo o seguinte: «Só os ignorantes imaginam que o «jazz-band» é um grupo de criaturas amigas de fazer escândalo e sem outra ambição além da de produzir uma tormenta do inferno, batendo em caçarolas, tocando campainhas e pandeiros, e arrancando a um trombone alguns grandes gemidos desesperados. Os iniciados, pelo contrário, sabem que esta nova forma da orquestração tem por objecto o estudo de ricas possibilidades dos instrumentos de sôpro menos vulgarisados». Literatura musical expressamente destinada ao «jazz» ainda ha muito pouca, o que explica o estar ainda na infância esta forma de orquestra. No entanto, muitos jovens compositores americanos estão absolutamente convencidos de que a forma «jazz» é a verdadeira música americana do futuro e descobrem nela um elemento de mocidade, de espontaneidade e de prazer físico, muito em harmonia com o temperamento da sua raça juvenil. A influência do «jazz» na música moderna tambem é já considerável, bastando recordar a obra de Maurice Ravel—«O menino e os brinquedos» e a «Piano-Rag-Music» de Strawinski.

NO PROXIMO NUMERO

"Idiota por dieta"

ou "A Drogomania,,

NOVELA COMICA DE *AUGUSTO CUNHA*

O PREÇO DUMA ORQUÍDEA

Na última exposição de horticultura, celebrada em Westminster (Inglaterra), apareceu uma orquídea de oito anos, com quatro lindíssimas flores, de espécie rara. O preço da planta era superior a mil libras esterlinas. A orquídea é das plantas que têm maiores admiradores. Há tempos, um orquideófilo teve a felicidade de encontrar no quintal da sua casa duas orquídeas selvagens, que tinham brotado espontaneamente e cuja floração na Europa, onde nunca se assinalara o aparecimento desta especie, é ainda um mistério para os botânicos. Existem caçadores de orquídeas que andam por todo o mundo, procurando especies desconhecidas e que, com risco de vida, passam das regiões inter-tropicais para a gelada Sibéria. Houve um caçador de orquídeas que foi da India ás cordilheiras dos Andes, escravo da sua paixão pelas flores, que o atraiam.

UMA ARANHA TERRIVEL

Tôdas as aranhas são mais ou menos venenosas, mas poucas são as que conseguem fazer grande mal aos homens. Entre estas, porém, há uma que segrega um veneno perigosíssimo: é a aranha *katipo* ou *latro-dectus hassulti* dos naturalistas, que vive na Nova Zelandia. Esta aranha é facilmente reconhecida por ter o dorso coberto por uma placa de vermelho brilhante, com bordos amarelos. A picada do *katipo* produz uma dôr fortíssima, de imediata inflamação. A morte é inevitavel, principalmente nas crianças. Os *katipos* vivem nas praias e nas dunas areosas, causando inúmeras vítimas, todos os anos.

UMA TERRINA COMO HA POUCAS

Durante uma festa de confraternisação celebrada no forte militar de Sam Houston, no estado do Texas, o capitão norte-americano snr. Freehoff, juntamente com o coronel Robert Macleave, obsequiou o comandante K. Seki, do exercito japonês, com um refresco servido numa terrina chinesa, propriedade do regimento americano e cuja beleza artística rivaliza com o seu valor historico. Toda de prata primorosamente lavrada, esta terrina data da guerra dos «boxeurs» e o seu valor intrinseco está calculado em cincoenta mil dollars ou seja, aproximadamente, uns novecentos e oitenta contos de reis.

UMA FAÇANHA AUTOMOBILISTA

Recentemente, em Roma, um automovel eléctrico italiano subiu, sem a menor dificuldade, a imponente escadaria da igreja Aracolli. Esta façanha constitui um original reclamo, tão lisongeiro para a casa construtora do carro, como para o «chauffeur».

O DOMINGO Ilustrado

comentarios

UM INQUERITO RELAMPAGO AO CASO DO TEATRO NACIONAL

O caso do Teatro Nacional é mais um bico d'obra posto, na pasta da Instrução, e Belas Artes a qualquer ministro que apareça.

De duas uma: ou o Teatro Nacional é um teatro escola, do Estado, e então o Estado tem que o sustentar ou o Estado não o pode manter e então é um teatro qualquer. A formula até aqui usada, e que é a do Estado querer um teatro seu e arranjar alguem que lho pague, é, além de imoral, vexatoria, e sobretudo irrealisavel.

O conselho teatral que discutiu o assunto foi informado de que o subsidio pensado e sonhado não tinha realisação pratica. O sr. dr. Julio Dantas ficou então encarregue de apresentar as bases para uma proposta de adjudicação, com o minimo de encargos para o Estado e o maximo de garantias artisticas. Quere dizer: vai-se cair na chuchadeira antiga. Um teatro chamado Nacional, com pretensões a *Comœdie* de trazer por casa, com a obrigatoriedade de dar de comer a uns tantos artistas e de representar uns tantos originais, podendo nos intervalos explorar o genero indecente ou obsceno, para arranjar dinheiro com que cubra a despesa dos originais que dão prejuizo, ou sob a fiscalisação dum comissario, que não deixa pôr peças indecentes nem obscenas, de maneira que, afinal, o Teatro Nacional não é mais do que um teatro qualquer, mais dificil de administrar e mais onerado, porque não tem defeza de lotação, porque está velho e antiquado nos seus maquinismos de scena, e porque tem o imposto grande de alguns artistas e de algumas pecas obrigatorias.

Vejamos o que dizem algumas personalidades:

Matos Sequeira, antigo comissario, critico e dramaturgo. «Não havendo subsidio, que se faça a adjudicação pura e simplesmente comercial e se tire o rotulo de Teatro Nacional. Eis a minha opinião».

Luna de Oliveira, dramaturgo. «Sou pela «Regie» com subsidio. E' preciso, é absolutamente indispensavel».

Erico Braga, actor e emprezario. «Sou pela adjudicação.

—Porquê?

—Porque é a unica forma de o teatro abrir.

—E a qnem?

—A mim!

—Porquê?

—Porque, aparte algumas qualidades que a minha modestia não permite enunciar, cada um puxa a braza á sua sardinha . . .

Francisco Lage, o brilhante dramaturgo, diz-nos:

«—O que penso do Teatro Nacional? Que continue a ser estrangeiro emquanto isso convier a «cinco» portugueses.

—E quem são esses cinco?

—Quatro ainda eu poderia dizer. O quinto nem que me esfolem.»

Jorge de Faria, critico de responsabilidades e homem muito sabedor em teatro, sai-se com esta:

«—O que penso sobre Teatro Nacional? Mas . . . ha teatro nacional?»

Oliveira Guimarães, doutor, jornalista, dramaturgo novo em foiha, «blagueur»:

—Eu cá não digo nada, porque quero lá meter uma peça . . . Em todo o caso, ao Teatro Nacional prefiro a Bolacha Nacional . . .

Vitoriano Braga, o dramaturgo forte da «Casaca Encarnada», diz:

—Sou pela «Regie», com largo subsidio.

Não pode ser? Então que se feche o teatro. E mais: que se feche o Conservatorio, porque é a sequencia do outro».

DE LONGE...

A verdade ácêrca das companhias actualmente no Brazil

Rio de Janeiro, Maio de 1926.

N'UM jornal de Lisboa, vindo providencialmente parar á minha mão, li o seguinte:

«A actriz Laura Costa obteve um grande sucesso no Rio de Janeiro, tendo havido duas scenas de pugilato por sua causa.

N'um outro periodico, da mesma origem, li:

«A companhia Maria Matos-Nascimento Fernandes tem desagradado por completo no Rio de Janeiro».

E n'outro ainda oriundo do mesmo torrão:

«As companhias portuguezas actualmente no Rio de Janeiro teem desagradado por completo».

Estas trez noticias vieram lembrar-me que, por acaso, me encontro no *fóco* em questão, e d'ahi o resolver-me a dizer *de verdade* o que se passa no Rio de Janeiro, com as companhias portuguezas.

A Companhia Antonio Macedo-Oscar Ribeiro agradou, como se diz na giria teatral, *em cheio*. A melhor prova d'isso está nas cincoenta e oito representações seguidas da revista *Foot-Ball*, a peça de abertura. Não se julgue porem que a revista *Foot-Ball* é a mesma que o publico viu no Teatro Maria Victoria. Era, era, mas quando a companhia chegou ao Rio soube que o melhor da peça já cá tinha ido . . ., escapada aos direitos da alfandega de Lisboa... E só quem é de teatro avalia o que será transformar, quasi radicalmnente uma peça em vinte e quatro horas! Julga-se em Lisboa que as companhias chegam aqui, armam a barraca e toca a despejar peças! Para uma palida amostra de como é errado esse criterio, bastará dizer que os numeros de grande sucesso das peças portuguezas, aqueles sobre que assenta o sucesso de uma revista, são por cá cantados . . . quinze dias depois de exibidos em Lisboa!

N'uma recente revista, ida no «Teatro de São José» fez grande sucesso... «*O fado do Pão de Ló*», que Estevam Amarante canta em Lisboa!

Acresce ainda que no Brazil entrou a loucura das montagens! Exemplos autenticos:

No *Teatro Recreio* «Turumbanba», montagem 180 contos (*quinhentos e quarenta mil escudos*).

Teatro São José—«Pirão de Areia», montagem 195 contos (*quinhentos e oitenta e cinco mil escudos*).

«Phoenix» «Excelsior», montagem 310 contos (*novecentos e trinta mil escudos*). Ora como pode uma companhia portugueza hombrear com estes colossos de despeza?

* * *

Laura Costa agradou muito. Pode mesmo dizer-se que fez um grande e brilhante sucesso. O numero em que primeiro se exibiu foi repetido trez vezes em cada sessão. E das taes scenas de pugilato . . . só se foram em Portugal, porque aqui não houve nada . . .

O maestro Serafim Rada obteve igualmente um bom sucesso. A ponto de alguns autores brazileiros lhe fazerem referencia em peças suas.

* * *

Maria Matos e Nascimento Fernandes teem agradado bastante. Simplesmente não teem ganho dinheiro. Mas convem dizer que actualmente trabalham no Rio de Janeiro dezoito companhias e que o povo brazileiro não tem grande simpatia pelo teatro . . . antes pelo contrario. O brazileiro ama unicamente o cinematografo, que leva o melhor da população do Rio de Janeiro. Os cinemas são aos cardumes e sempre cheios, de dia e de noite. Ainda o que obtem alguma concorrencia é o teatro alegre, porque o serio, aquele de trez actos, com conflitos e mais coisas serias . . . é letra morta no paladar quasi geral do Rio de Janeiro, a não ser quando esse teatro é qualquer coisa de muitissimo bom ou desempenhado por figuras gradas da scena mundial.

Henrique Roldão

FOTO-VENUS

A bela fotografia de Gomes da Costa que inserimos no passado numero é da autoria da conhecidissima FOTO-VENUS, da R. D. Pedro V, 8 e 10.

S. Luiz — Companhia Lucilia Simões—Erico Braga «O homem das 5 horas» e «Papo-Seco».

Gymnasio — Fechado temporariamente.

Avenida — Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.

Politeama — Animatografo

Nacional — Fechado temporariamente.

Trindade — Companhia francesa «Ba-Ta-Clan».

Apolo — A peça o «Santo Antonio» magnifico desempenho de Rafael Marques.

Eden — A aplaudida revista «Fox Trot».

UMA NOVELA SENTIMENTAL E DE AVENTURAS

O borrão de tinta

Uma grande página vivida, onde o grande contista, o «Reporter Misterio», nos narra um conflito, cheio de sabor verdadeiro, e que tem uma base de realidade.

LEIA! APRENDA A DISTRAIR-SE COM ALGUMA COISA ALEM DA CHOCARRICE POLITICA

As noites deste fim de Maio eram quentes, socegadas, pacificas, nas ruas do Porto. Embora nas salas de oficiais dos varios regimentos houvesse reuniões abafadas, onde passava já o clarão vivo da Revolta do Exercito, no burgo triste o silencio era o mesmo. Apenas dentro das janelas iluminadas e abertas ao luar surgia, elevando-se no eco dos arruamentos quasi desertos, a voz dolente dalgum piano burguez, lamentando uma valsa banal. O pôvo, fatigado da labuta diaria, dormia o sôno merecido, desinteressado da vida e conformado com a sorte...

* * *

O tenente Lameira do 11 era um dos maiores entusiastas do movimento. Estava em ligação com o Sul, e no ultimo domingo, á paisana, tinha corrido a Lisboa, a incutir animo nos delegados junto das unidades do Sul. Fôra, durante os tempos de Coimbra, filiado no Integralismo Lusitano, e era duma boa familia fidalga da Beira. Não transigindo com a dissoluta politica dos ultimos tempos, deixava o platonismo das completas reivindicações da monarquia absoluta, e decidira, de alma e coração, integrar-se num movimento salvador, dentro da Republica, dominado pelos sucessos do «fascio» e dos «somatenes» espanhoes. Era um temperamento violento, seco, autoritario. Os camaradas respeitavam o seu feitio muito militar. Os soldados tinham-lhe medo...

* * *

Cursava, quando louro rapasito, Antonio Angelo Lameira o velho Liceu da Lapa e durante anos fôra companheiro de carteira e amigo inseparavel dum outro pequeno, em tudo antagonico dêle, Antonio Gaspar Mendes, orfão de pae, talento meticuloso e brilhante, sustentado a expensas da Caixa de Estudantes Pobres, e um destes pequenos timidos, correctos, muito escovados, que põem na vida escolar preocupações de homens responsaveis, que quasi não riem, e cuja existencia róla entre compendios e cadernos de apontamentos. O Gaspar era o melhor aluno. O Angelo Lameira era, pelo contrario, um distraido continuo, sempre esfolado da ultima briga, esgrouviado e tisnado das torreiras do sol, nos desafios da barra, porque nesse tempo a furia do «foot-ball» ainda não tinha começado.

* * *

Desde o primeiro ano vinham os dois a par. Quizera o acaso, no exame de instrução primaria, quando ambos com seus chapeus de palha, suas folhas de mata-borrão, sua pena de aparo novo, que ficassem juntos, os dois Antonios, que ficassem amigos. E logo no Liceu se conheceram e firmaram amisade de novo. Rispido, agreste, irregular, cabala selvagem, um—Angelo Lameira; correcto, timido, estudioso, sereno, outro—Gaspar Mendes. Mas muito amigos ambos, valendo-se mutuamente nas suas aflições—este defendendo aquele dum sopapo, o outro ensinando a este um exercicio.

* * *

Um belo dia, no 5.º ano, desavieram-se os dois.

O Angelo lançou sobre a prova do Gaspar um borrão de tinta. Era um borrão enorme, confrangedor, compacto, inextinguivel—que se não podia

Eram dois Antonios, companheiros inseparaveis desde o primeiro ano do liceu...

atenuar nem apagar. Um borrão que destruiu o esforço de dias. Zangaram-se. O Gaspar não perdoou. Fazia muito gosto naquele trabalho. O Angelo, orgulhoso, não pediu tambem desculpa. Nunca mais se falaram. Continuaram na mesma carteira, longos mezes, anos mesmo, pela fatal sequencia dos nomes—o n.º 1,—o n.º 2, sempre da mesma turma.

Mas eram ambos firmes—«estavam mal». Muitas vezes o Angelo lhe ia a falar, distraido, esquecido já,... Mas o Gaspar, triste, como quem sofre com uma separação perdida, não lhe respondia. Outras vezes olhavam-se, com amisade—mas as bocas calavam-se, e orgulhosos, os dois rapazes, nada diziam.

Assim acabaram o curso, e assim cada um se separava, sem uma reconciliação, sem uma palavra de afecto, cada um á sua vida, cada um ao seu rumo...

* * *

Nunca mais se viram os dois antigos amigos... Cursavam ambos a Politecnica, mas em turmas desencontradas e, na Escola de Guerra, Angelo, que adoecera grave, retardou o curso dois anos e não voltou a ter como condiscipulo o seu antigo companheiro. Sabiam-se ambos oficiais do exercito, mas, reduzidos ao anonimato das guarnições da provincia, nenhum sabia do paradeiro do outro.

E, no entanto, no fundo, no intimo fôro sentimental dos seus corações, havia ainda em cada um deles um lugar para o garoto que durante tantos anos fôra, desde as brincadeiras da primeira infancia, o companheiro querido, o inseparavel, o predilecto e, quantas vezes, ao recordar o tempo doirado e bom dos primeiros anos do liceu, os seus pensamentos não foram um para o outro, pois todas as melhores recordações se concentravam no camarada de carteira, certo, o «fixe», nas aflições de exame ou na violencia das arruaças...

E, então, um sorriso de lembrança como um grande ponto negro, que alastrava, e não deixara ver mais alem o borrão de tinta, aquele simbolico e terrivel borrão negro da pena de desenho, caia por sobre o quadro claro dos de outros amigos, a separa-los, e a deixar em cada um uma nuvem de saudade...

—«Ora, eu se o visse agora—dava-

—Faça alto, bradaram quasi ao mesmo tempo os dois oficiais...

lhe um abraço!»—pensou muitas vezes Angelo.

—«Que infantilidade—dizia ás vezes Gaspar.—Era tão amigo de Angelo. Quando o vir, vou falar-lhe...»

* * *

—Mas quem são, finalmente, os oficiais que não aderiram?—disse o tenente Lameira, ao saltar do estribo da carruagem, na estação de Braga, para o grupo de oficiais que o esperava.

—Não sei os nomes. Sabe-se apenas que sairam três companhias completas, sem ordem do comando—e que ocuparam Guimarães. Os regimentos da cidade confraternisaram com eles. Têm a estação telegrafica...

—E vocês estão ainda ahi?—berrou o tenente.—Mas é preciso ir já, antes que isso alastre. Se em Coimbra se sabe da contra-revolução, é um sarilho que ninguem se entende. E' preciso sufocar isso já. Convencer os oficiais.

—Nós não quizemos fazer sangue—disse um capitão, de oculos, que fazia tranquilamente um cigarro.

—Qual sangue! E' preciso ir lá, e já. Um automovel! Deem-me uma patrulha decidida. Eu vou a Guimarães.

—Sósinho?

—Uma patrulha, e deixemo-nos de conversas!—berrou fóra de si o tenente Lameira.—A' noite estou de volta.

* * *

—Faça alto! Faça alto! bradaram, sob as sebes, brancas de poeira, quatro cabeças de homem, vermelhas do sol quente, entre o espelhar faiscante das baionetas.

Mas a patrulha, com o tenente Lameira, avançou, resoluta, uma nuvem de pó pela estrada branca, que escaldava.

Só na curva um pelotão firme de infantaria, armado em linha de fogo, os deteve.

—Faça alto! Faça alto!—bradou o tenente que o comandava, com a espada em punho, avançando á frente dos seus soldados e tirando da cinta de coiro a sua pistola negra.

—Façam alto ou mando fazer fogo!—repetiu, rouco, congestionado, com uma sufocação de poeira a enrouquecer-lhe a fala.—Faça alto!

—Sentido! Atenção!—E os soldados da patrulha levaram as mãos aos gatilhos das armas...

* * *

Mas os olhos do outro tenente dilataram-se-lhes, e como que hipnotisados cairam sobre a farda do comandante, em cujo peito uma Cruz de guerra balouçava.

—Angelo!

—Gaspar!

Disseram num grito surdo.

—Queres apagar a sangue o teu borrão de tinta?

—Quero apaga-lo assim!

E espadas caidas, os dois homens abraçaram-se, num chôro convulso.

O Reporter Misterio

NOVELA MUITO SENTIMENTAL E MUITO SANGUINEA...

Othello... para pernoitar

Fantasia e ironia cheia de imprevisto. Distrai e prende a atenção esta nova «blague» do nosso fino e original humorista.

DISTRAIA-SE DA VIDA LENDO A FANTASIA...

ERNESTO da Silva Teles, saindo completamente fóra dos seus habitos, jantou nesse dia com alguns amigos e foi á noite vêr o Othello.

Foi uma grande imprevidencia porque o Ernesto, alem de muito impressionavel, era tão nervoso, que chegava a ter chiliques como qualquer Ernestina.

O medico tinha-lhe proibido a contemplação de coisas que o pudessem impressionar, como desastres em que houvesse sangue derramado, a agonia dos moribundos, os enterros, os credores teimosos, as contas de mercearia, etc. Tragedias, nem cheira-las. Ernesto procurava por isso apenas o que lhe pudesse dar alegria e só frequentava o Coliseu, as revistas do ano, e no cinema só via as fitas do Charlot. A esposa, a D. Celeste, ao principio de casada ainda uma vez lhe apresentou uma conta da modista; mas o Teles levou as mãos ao coração e foi remedio santo. Daí para o futuro a mulher, temendo qualquer desastre, nem lhe falava nas contas. Ele lá as pagava da mesma forma, mas sem dar por isso e portanto sem dôr.

Desta forma o Teles, apesar do seu temperamento melindroso, vivia feliz. Mas o diabo tece-as. E foi assim que nessa pandega excepcional com os amigos, alem de se exceder nas comidas e mesmo nas bebidas, acedeu por fim, imprevidente, a ir ver a tragedia Shakespeareana.

O resultado era de prever. A partir do 2.º acto, Ernesto, excitadissimo, começou a manifestar uma grande agitação; e quando o pano caiu no final da peça os amigos notaram com surpresa a sua completa mudança. Tão profunda, que sem mesmo se despedir, partiu com uma pressa inexplicavel.

* * *

Quando entrou, D. Celeste dormia profundamente. Ele olhou-a transtornado, aproximou-se do leito, passou a mão pela fronte, e exclamou com voz tragica:

—Sim, tambem eu não queria verter teu sangue, ó branca pomba adormecida, mas não posso hesitar. O dever, a honra, a vergonha, o brio; o pundonor, emfim, todas essas coisas que parece mal a gente não usar, ditam-me que o faça, impõem-me esse gesto e cumpri-lo-hei; oh! sim! nada me demoverá.

Parou, extenuado da longa tirada, mas logo em voz mais forte prosseguiu:

—E eu, que lhe dei o alento, terei de apagar aquela chama, aquela chispa vital, ó crueldade da sorte!...

D. Celeste, ao ruido de tão insolito monologo, ergueu-se no leito e exclamou, admirada:

-Mas que barulho é este?! Vens a que horas e ainda por cima a discursar. Vais para algum comicio ou são restos do banquete? Vens ainda nos brindes. Vê se te deitas.

Ele nem lhe respondeu, e prosseguiu:

—Tem de ser, tenho de apagar esta chama, esta chispa vital.

—Eu logo vi que essas jantaradas com os amigos davam mau resultado, —disse ainda D. Celeste—deitando se; agora queixas-te do chispe; pois se te faz mal, quem to mandou comer?

—Enganas-te mulher perversa, serpe daninha, que eu tenho acalêntado no

—Tu estás doido ou fazes-te?

meio do meu seio,—trovejou ele, tragicamente.

—Bom, estou a ver que tambem bebeste de mais.

—Antes assim fôra, antes este fogo que me abraza tivesse a origem que imaginas.

—Pois olha que me não resta duvidas acerca da origem desse fogo. E' por isso que eu não gosto nada dessas pandegas.

—Pois bem, pensa o quizeres—bradou o Teles.—Mas quero ver aquele lenço que te dei quando casámos; aquele lenço amarelo, com um C, um R, um E, e um F, entrelaçados, esse lenço que foi portanto o simbolo do nosso enlace, que afinal havia de ter este tão tragico desenlace, ó Númes que me ouvis...

—Qual Nunes? Trouxeste alguem aqui para o quarto?—disse D. Celeste, compondo-se, assustada; — não estás bom!

—Deixa ver o lenço, já disse.

—Sei lá agora disso; é melhor que te deites e que me deixes dormir.

—Já disse, quero o lenço!

—Estás em pé, tira um aí da gaveta. Mas para o que te havia de dar!

—Só evasivas, só desculpas. Naturalmente tambem o perdeste, enganadora serpente.

—Mas que mania! Que lenço que te havia de vir agora á cabeça. Onde é que ele já irá!

—Déste-o!—gritou o Teles triunfante...

—Aquilo prestava lá para dar! Era tão bom que se fez em tiras daquela vez que te fiz umas papas. Mas não é caso para essa aflição; no Grandela, a 15 tostões, tens quantos quizeres.

—E' isto, Yago tinha razão,—bradou o Teles.

—O Tiago? O quê, o guarda-portão? Querem ver que esse mexeriqueiro te meteu alguma na cabeça. Deixa que eu amanhã lhe direi,—concluiu D. Celeste, virando se para o outro lado.

—Nesse caso não me dás o lenço?

—Pois sim, espera essa,—disse D. Celeste, bocejando.

—Ah! traidora.—trovejou o Teles.

—Ai Jesus, que susto me pregáste, —gritou D. Celeste, sentando-se novamente na cama.—Mas que disparate é esse? Não acabas com isso hoje?

—Cala-te, mulher ingrata, cala-te Desdemona,—regougou ainda o Teles, que tinha digerido mal a distribuição da peça.

—Mau; isso agora é de mais. Não

A sogra do Teles, D. Bernarda, entrou no quarto...

admito que me chames esses nomes!

Entretanto o Teles tinha subido a uma cadeira e arrancava duma panoplia que em tempos improvisara, um dos alfanges ferrugentos que tinha comprado na feira da ladra.

—O' homem, não comeces agora a desarrumar a casa,—gritou D. Celeste.

—Silencio!—impoz o Teles, empunhando o gladio—se te lembras de algum crime para que não conseguiste perdão do céu, implora-o já...

—E' o que eu digo, estás de todo, —respondeu D. Celeste, e chamou para fóra: O' Balbina, Balbina.

– Escusas de chamar, ninguem te salvará.

—A senhora chamou?—disse a creada de fóra.

—Chamei, sim, vae num instante á farmacia e compra 3 tostões de amoniaco; mas depressa.

—Queres então envenenar-me?—exclamou o Teles.—E' tarde...

—Isso sei eu,—concordou D. Celeste, dispondo-se a sair do leito;—já passa das 2 horas e tu aí nesse disparate...

—Não tentes sair do leito,—tornou ele;—estás no teu leito de morte.

—Hein! Mas tu endoideceste! Que tal foi a pinga. Deixa que não tornas a pôr o pé em jantaradas.

—Maldição! Pois bem, os teus insultos, as tuas frases caluniosas morrerão no gume desta espada,—disse o Teles avançando.

—Pois atreve-te,—gritou D. Celeste;—vem para cá com a espada, que eu agarro no pau da vassoura e vamos a ver quem fica peior.

Ernesto considerou que perante a realisação daquele «ultimatum» seria um tirano encravado, e na sua qualidade de *Othello* de trazer por casa ficou perplexo. Mas reconsiderou que o pau da vassoura estava na cosinha e colocando-se portanto defronte da porta, a cortar a saída, bradou, fazendo-se forte:

—Não me atemorisas com as tuas ameaças e não penses demover-me dos propositos sanguinarios...

—O' Teles, deixa-me passar,—intimou D. Celeste, extranhando contudo a inesperada resistencia do marido;—O' Teles, toma cuidado...

—Óteles não, Othello.—emendou ele. —Neste momento sou Othello, mouro enraivecido e cheio de razão para vingar-me...

D. Celeste sentou-se novamente na cama, admirada de todo aquele *dispauterio*.

O Teles, aproveitando a indecisão do inimigo, procurou arrancar da panoplia uma outra espada mais comprida; mas tão desastradamente que se cortou e fez desabar a panoplia sobre uma jarra, que tambem tombou sobre outros «bibelots», que tambem cairam, escaqueirando-se e fazendo um chinfrim diabolico.

D. Celeste, já perturbada perante o inesperado estrondo, desmaiou.

Mas ao mesmo tempo surgiu nos bastidores uma personagem que não tinha entrado em scena e para quem todo aquele ruido fez o efeito das pancadas de Moliére.

A sogra do Teles, a D. Bernarda, entrou no quarto, alarmada, e ao vêr todo aquele aparato, o Teles armado até aos dentes e com a mão ensanguentada, e

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

VARIA

CAMPO PEQUENO

A bela organisação do espectaculo de domingo, para festa artistica do estimado cavaleiro Simão da Veiga Junior, não podia ser mais convidativa, motivando por esse facto a enorme concorrencia ao Campo Pequeno, que encheu completamente.

Duas fases houve n'esta corrida que não me permito calar e que desgostaram imensamente uma grande parte da assistencia, que em protestos surdos se lamentou e com muita razão: a hora tardia para o inicio da lide de 10 touros, com a agravante da entrada do director da corrida quinze minutos depois da hora anunciada, bem como a arrastada demora em toda a lide, a tal ponto que ás oito horas e meia ainda estava na arena o 7.º touro, e a apresentação de Cañero em competencia com os nossos melhores artistas equestres, de que resultou, fatalmente, não agradar o seu trabalho, entrecortado com manifestações de protesto, que se pediam ter evitado.

D. Ruy da Camara, João Nuncio e Simão Junior conquistaram justos e merecidissimos aplausos, sobresaindo D. Ruy em dois soberbos ferros curtos e João Nuncio em egual trabalho.

O espada «Armillita», optimo como sempre, e do novel toureiro Mario Santos, em outra ocasião e com touros melhores eu direi de minha justiça sobre o valor do seu trabalho, que não poude ser apreciado n'esta corrida.

A manifestação expontanea dispensada ao general Gomes da Costa, que assistiu á corrida no camarote grande, não podia ser mais significativa, traduzindo bem nitidamente o sentir da grande massa popular neste periodo de esperança de melhores dias para a nossa nacionalidade.

ZÉPÊDRO

* *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para—Rufino Pedro da Costa
2.º » » —Bandarilheiros
3.º » » —Ricardo Teixeira
4.º » » —Espada Emilio Mendes

INTERVALO

5.º touro para—Antonio Luiz Lopes
6.º » » —Espada «Armillita»
7.º » » —D. Ruy da Camara
8.º » » —Bandarilheiros.

DAMAS

solução do problema n.º 74

	Brancas	Pretas
1	21-27	31-24 (a)
2	21-26	30-23
3	18-27	32-23
4	7-10	1-15-29
5	14-17	21-14
6	5-18-27-20-11-4	
	Ganha	

(a)

	Brancas	Pretas
1	—	32-23
2	18-27	31-24
3	22-26	30-23
4	7-10	etc.
	Ganha	

PROBLEMA N.º 75

Pretas 2 D e 5 p.

Brancas 2 D e 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

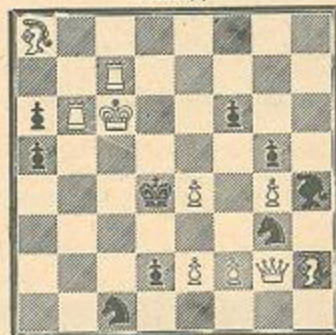
Resolveram o problema n.º 73 os srs.: Alvaro dos Santos, Armando Pinto Machado, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, B. Leiria (Leiria), Carlos Gomes (Bemfica), D. Emilia de Sousa Ferreira (que tambem resolveu o problema n.º 72), Sueiro da Silveira, Victor dos Santos Fonseca, Virgilio Teixeira Lopes, e «Um principiante» (Carvalhos), que nos enviou o problema hoje publicado.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 75

Por H. W. Bettmann

Pretas (9)

(Brancas (10)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 73

1 D. 6 C R

1 R. 3 D	2 R. 4 B	3 T. 3 R ✕
joga	joga	

Resolveram os srs. Nunes Cardoso, Sueiro da Silveira, J. de Roure, Vicente Mendonça, Club Portuense (Porto), B. Leiria, (Leiria) e Maximo Jordão.

Pergunta enigmatica n.º 1 (S. Loyd]

Se numa partida de xadrez as pretas jogam com a condição de emitar as lances das brancas, como podem estas dar mate em 4 lances?

(As peças são, evidentemente, colocadas na sua posição inicial.)

Errata do n.º 74: Onde se lia: Pretas 11, devia ler-se: Pretas 12.

N.º 9 — 1.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE CARLOS RODRIGUES
ORDIGUES (Da T. E.)

27 JUNHO 1926

Apuramento do n.º 5 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

D. SIMPATICO

N.º 1 — 7 votos

N.º 5, de D. K. K. TRO . . . . 2 votos
N.º 2 de VASCO H. DIAS. . . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

MARIANITA, DR. DA MULA RUÇA, DAMA NEGRA, MAMEGO, D. SIMPATICO (da T. E.), LORD DÁ NOZES.

Com 8 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

VIˢCONDE DA RELVA, VIRIATO SIMÕES (7), AVIEIRA, (6) AULEDO (4), D. GALENO (da T. E.) (7)

OUTROS DECIFRADORES

ADALBERTO BECO 3, MIEL, 2, HOPE, 1

DECIFRAÇÕES

1—SOAR, 2—*Contrabaixo*, 3—Promoção, 4—Xara 5—*Obsequioso*, 6—Busca, 7—Cercador, 8—Sanguesuga.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 4 de ORDIGUES, com 6 decifradores

DEDICATORIAS

HOPE decifrou a charada que VASCO H. DIAS lhe dedicou.

LOGOGRIFO

1) Novo fato estreou um dia o João
E querendo mostrar-se, o toleirão,
Gazeta resolveu fazer á escola,
E para o campo foi jogar a bóla.
Aconteceu porém, num trambulhão,—6—3—1—11
Rasgar-se-lhe o *tecido* do calção!—7—1—9—4
De volta a casa, o pae quasi o esfola,
Com uma formidavel, rija póla!...
Grande remedio foi *para o futuro*,—6—5—8—2—10—1
Porque o nosso João, outrora impuro,
Não mais faltou á escola, já tem brio,
Pois tão *mau pensamento* ele baniu.

Lisboa — HENRICO

CHARADAS EM VERSO

2) Eu conheço certa dama
que na «*dança*» é infeliz,—2
quando vai para dançar,
esmurra logo o *nariz*.—2

Emfim, pretende dançar,—1
a sua valsa amorosa;
mas, não lhe sendo possivel,
ela *escuma* de raivosa.—2

Lastimando a sua sorte
a dama toda se ex[illegible]
porque, tudo [illegible] ...uvado,
por causa [illegible] «*ave pernalta*.»

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

(Respondendo ao amigo «Kuritsa»)

3) Fazes mal, acredita, em pensar,
Nossa arte divina, deixar.

Aqui tens minha humilde opinião.
Nada vale, bem sei, se tiveres
Já formada diversa tenção,
E deixar nos emfim, tu quizeres;
Todavia, o que penso te digo,
Procurando ser claro, e conciso,
Pois, não *esconde* e recusa, ao amigo,—3
O seu modo de vêr, quem é liso.
Para mim, nossa arte é primeira
Entre todas, a mais sublimada;
E, como o arabe á sua palmeira
E o amante á *mulher* adorada,—2
Eu lhe quero, e não posso entender
A razão que te obriga a falar
Dessa forma, e te leva a querer,
Nossa arte *divina*, deixar.

Lisboa — BAGULHO

4) Se o confrade *censurar*—2
uma *vez* duas ou tres—2
esta charada vulgar,
é *pirraça* dum burguês.

Lisboa — LORD DÁ NOZES

ENIGMA

5) Que é um alvo, diz alguem,
e tambem ponto de mira,
sustento ele é tambem,
digo eu, sem dizer mentira.

Serve p'ra a malha jogar,
está fixo, altivamente,
quem no quizer derrabar
tem de olhar *atentamente*.

Lisboa — AVIEIRA

CHARADAS EM FRASE

6) Esta *planta medicinal*, tem um paladar tão *desagradavel*, que ao toma-la, senti-me numa *situação arriscada*.—2—1

Lisboa — D. GALENO (T. E.)

(A «Rei Vax»)

7) Li com *simpatia* a *lei* do *administrador dos bens da egreja*.—3—2

Lisboa — ORDISI (T. E.)

8) Fiz uma *soma singular* e o resultado não ficou *resumido*.—4—1

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

9) Que *funesto*! *Palavra* que és um homem *infeliz*!—1—2—1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

10) «*Nota*», que *isto* não é *ofensa*.—1—2

Lisboa — CALTAR

[*Agradecendo, muito reconhecida, á confreira* «Lolita dos Caldos»)

11) *Quem fala muito e não faz nada*, dá ocasião a que qualquer pessoa *zombe* do seu *palanfrorio*.—3—2

Lisboa — MARIANITA

12) Por causa do *tecido de algodão da India* que ele me *oferece*, já dei um grande *tabefe*.—3—1

Lisboa — MIEL

13) *Irra*, que é preciso pegar neste *vaso* para se ouvir *certa musica lasciva*.—2—2

Lisboa — LOLITA DOS CALDOS

CORREIO

CALTAR.—Recebi os seus trabalhos, que muito agradeço. E' pena virem todos juntos, o que é contra o regulamento, mas creio que para o futuro, os mandará separados.

ORDIGUES

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. de Pedro Dias, 15, 4.º Esq. Lisboa.

MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado.

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas. O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior, sairá no proximo numero, em como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

Mario Freiria, Menina Xó, Auledo, Piricata, Jufene & Lourenff, Visconde da Relva, Adalberto Béco, Rei Absoluto.

DECIFRAÇÕES DO N.º 74

HORIZONTAIS.—1 carabina, 2 livrai, 3 ai, 4 acho, 5 erva, 6 cães, 7 real, 8 ala, 9 pós, 10 Elvira, 11 sapato, 12 narval, 13 azedur, 14 sai, 15 opa, 16 este, 17 roer, 18 odad, 19 anda, 20 dó, 21 us, 22 calote, 23 palestra.

VERTICAIS.—24 rebentes, 25 rolais, 8 aras, 26 alta, 27 ri, 28 avança, 29 brilhe, 30 ia, 31 Nice, 32 arça, 33 ira, 34 ondale, 35 idosos, 15 ora, 36 emer, 37 saxa, 38 pé, 39 altura, 40 alvorada.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso ilustre colaborador MARIO FREIRIA

HORIZONTAIS.—1 sitio pouco fundo dum curso dágua onde pode passar-se a pé, 12 via, 14 embucadura dum rio, 17 tronco, 23 pedra circular, 26 feitoria portugueza, 30 afirmação, 33 leitos, 37 instrumento, 41 traço ao de leve, 43 nota de musica, 44 animal, 45 anda!, 46 seguir, 47 atmosferica, 48 pérfida, 49 palavra homofona de Lã, 50 zanga, 51 achaatda, 52 prego miudo, 53 pronome pessoal, 54 doença contagiosa, 55 termo quimico muito empregado, 56 fileira, 57 logar, 58 ofertára, 59 tornei a colocar, 60 esvoaçar, 61 das aves, 62 bater, 63 raiva, 64 batraquio, 65 planta umbelifera, 66 duas letras de «Lado», 67 apelido, 68 serra de Portugal, 69 conhecer, 70 casa (fig.), 71 monarca, 72 nota de musica, 73 élo, 74 torto, 75 dois.

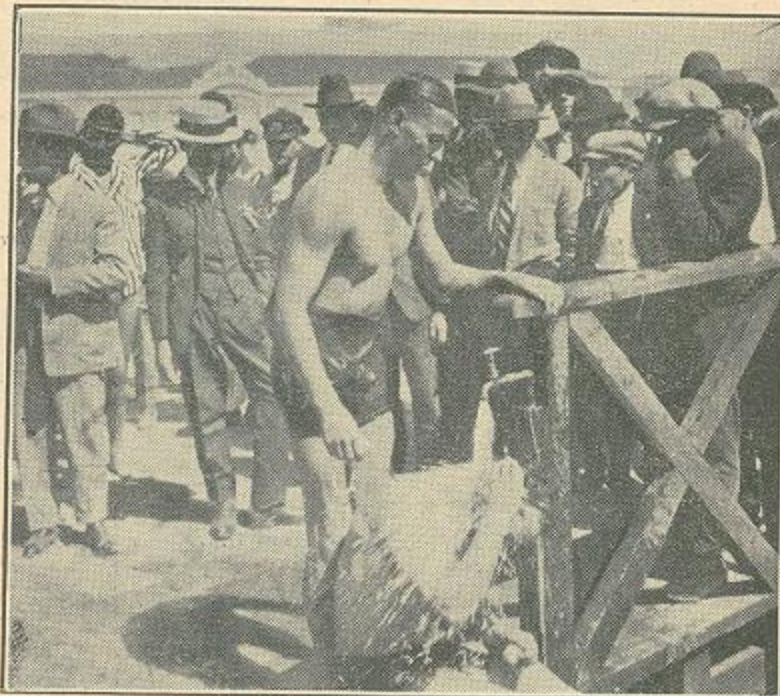
VERTICAIS.—1 mau, 2 elemento, 3 Deus do Egipto, 4 substancia muito doce, 5 furias, 6 conjunção, 7 intergeição, 8 preposição, 9 oceano, 10 auxilio, 11 pequeno, 12 divertir, 13 espingardas, 14 dificeis de encontrar, 15 fila, 16 familiar, 17 estoira (pop.), 18 terra portugueza, 19 preposição, 20 chacota, 21 levanta, 22 plantas que teem aplicação culinaria, 23 gritará (fig.), 24 anel, 25 entender, 26 arde, 27 Compartimentos, 28 desbastar, 29 lutar (fig.), 30 curar, 31 no corpo humano, 32 Série de duas partidas do jogo do «whist», 33 carbonato de calcio, 34 conheço, 35 abater, 36 nome proprio, 37 dois, 38 animal, 39 Casa (fig.), 40 seguir, 41 nota de musica, 42 palavra que em provençal significa «sim», 43 alem.

CORREIO

MENINA XÓ.—Recebi e agradeço a assiduidade. Sempre ao dispor de V. Ex.ª.

ORDIGUES

SPORT

O CAMPEONATO DE WATER-POLO

Momento em que dois jogadores, do Club Internacional e de «Os Belenenses», depois dum desafio intenso, se banham nas torneiras da ponte.

Os desafios de water-polo tem começado já a interessar bastante a opinião publica. Nesta epoca, a higienica diversão aquatica é a sucedânea do foot-ball. Pena é que na doca de Belem, onde as provas se realisam, não haja as condições de comodidade e conforto que este sport exige. O water-polo é como se sabe, um jogo cujas leis são identicas às do foot-ball, e que requere principalmente dos sportsmen que o praticam, rapidez e resistencia de nadadores. alem dum perfeito conhecimento tecnico do «association», de que o water-polo é uma modalidade.

Othello... para pernoitar

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

a mulher estendida na cama, poz as mãos na cabeça e gritou, com voz que faria estremecer a galeria:

—O quê? A minha filha morta . . .

—Morta, não, apenas inanimada,—emendou o Teles, com o ar tragico a que se tinha agarrado.

—Desanimada devia ela estar de o ver assim. Mas onde vai o senhor com essa espada? Querem vêr que tambem anda metido por essas revoluções? Mas agora reparo, aqui ha sangue, Santo Deus, o que fez o senhor?

—Esse sangue por enquanto é só meu, mas em breve haverá mais, doutra proveniencia, se a senhora não sai imediatamente!

—Ora atreva-se,—bradou D. Bernarda, arregaçando as mangas.

—Saia, que eu tenho de fazer justiça,—tornou o Teles.

—O senhor sabe lá fazer isso! . . .

—Olhe que tem na sua frente um homem cheio de razão, para vingar a honra ofendida.

—O senhor está cheio é de vinho . . .

—Basta—trovejou o Teles;—afinal, em vez duma, tenho acalentado duas venenosas serpes no meu seio . . .

—Onde é que o senhor tem isso?—tornou ainda D. Bernarda, com desdem.

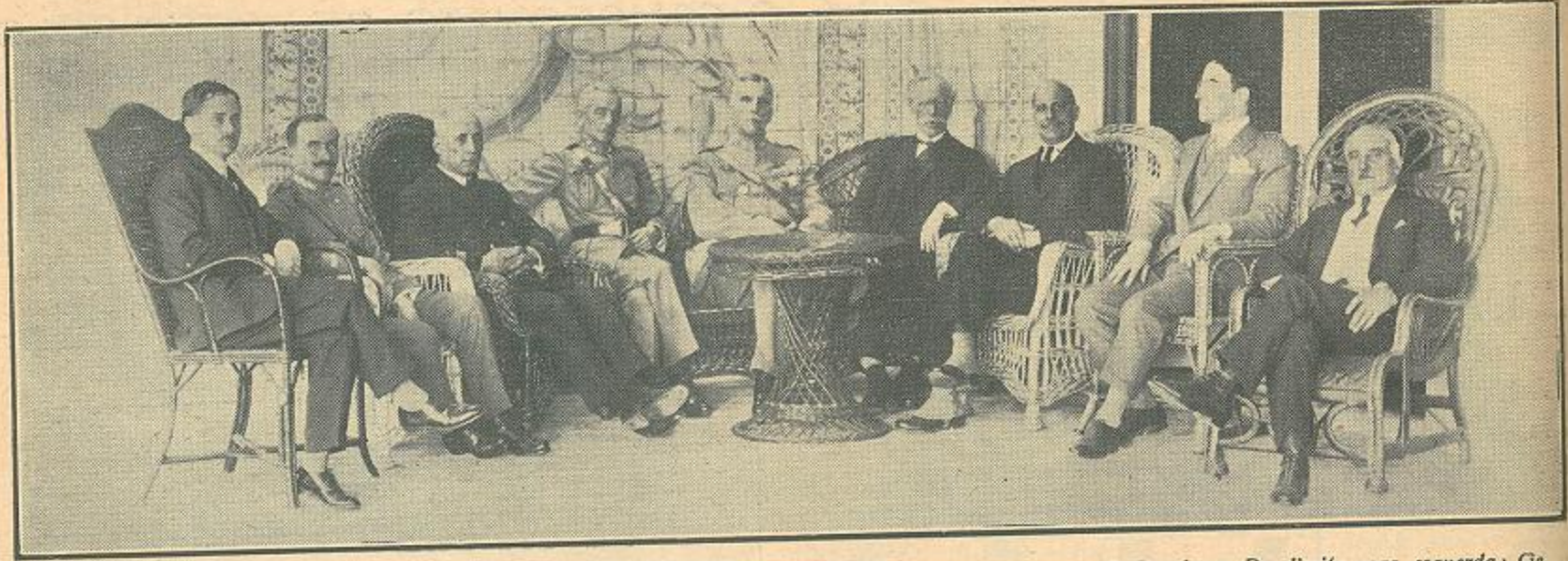
—Pois bem,—terminou ele, já fóra de si;—tenha cuidado, fique sabendo que tem na sua frente, disposto a vingar-se sem desfalecer, sem transigir, um verdadeiro Othello.

—Oh!—exclamou a D. Bernarda desdenhosa;—o senhor? Hotel? Isso é basofia. E a mim é que o senhor diz isso. Hotel? . . . nem para pernoitar . . .

Então, perante uma destas, o Teles; aturdido, vacilou, empalideceu e caiu silencioso e fulminado.

AUGUSTO CUNHA

Actualidades gráficas

OS HOMENS DA SITUAÇÃO

O primeiro grupo oficial do novo governo:—Num terraço de Belem, os ministros posam especialmente para O Domingo. *Da direita para esquerda: General Alves Pedrosa (Agricultura), Dr. Ricardo Jorge (Instrução), Comandante Filomeno da Camara (Finanças), Dr. Antonio Claro (Interior), General Gomes da Costa (Presidencia e Guerra), General Carmona (Estrangeiros), Comandante HumbertoOchôa (Marinha), Coronel Psssos (Comercio), Dr. Manuel Rodrigues (Justiça).*

Os Revolucionarios Radicais

O Sr. Mártins Junior, chefe revolucionario do Partido Radical, amigo intimo do Chefe do Governo, recebido por este no Palacio Presidencial, fala a uma comissão dos populares e militares que o aclamaram á sua chegada do Funchal.

UM GRANDE ARTISTA QUE REGRESSA Á PATRIA

O notavel violinista Paulo Manso, discipulo de Capet e Rémy, em Paris, onde deu um grande concerto e com as melhores criticas, e que acaba de regressar á sua patria. Seja bemvindo!

UM FUNCIONARIO NEUTRAL...

O porteiro da Presidencia da Republica, mais gordo do que nenhum presidente, e que serenamente vê entrar uns, e sair outros, sem que isso o abale nas suas convicções e no seu estomago . . .

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

O Grande Concurso Hipico Internacional de Palhavã

UMA FESTA SOBERBA DE MUNDANISMO E DE EMOÇÃO

Tem constituido um sucesso formidavel o grande empreendimento da Sociedade Hipica Portuguesa, no seu belo campo da Estrada de Palhavã, 127. No concurso hipico que se prolonga ainda pelos dias 29, 1 e 4 de Julho, tomam parte os grandes cavaleiros hespanhois, que a nossa gravura representa. Ao centro um explendido salto de D. José Cazamillas.